

Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Terra, agricultura e financeirização: entrevista com Oane Visser (ISS, Haia)

Bruno Rezende Spadotto¹  

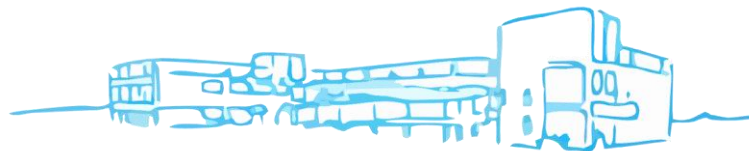
Resumo: Na parte final de minha pesquisa como pesquisador visitante no *International Institute of Social Studies (ISS)* da *Erasmus University Rotterdam*, em 2019, conduzi uma entrevista com o Professor Dr. Oane Visser, Professor Associado em Estudos de Desenvolvimento Rural e meu supervisor durante o estágio na instituição mencionada. Os interesses atuais deste professor e pesquisador giram, principalmente, em torno de 1) novas tecnologias (digitais) na agricultura e no desenvolvimento socioeconômico de forma mais ampla; 2) terra, agricultura em grande escala e financeirização da agricultura; 3) pequenos agricultores, redes alimentares alternativas e movimentos rurais. Nossa conversa abordou esses temas e segue abaixo, na íntegra. A entrevista ocorreu em 25 de outubro de 2019, entre 10h e 12h.

Palavras-chave: Financeirização da agricultura; Questão agrária no século XXI; Digitalização da agricultura.

¹ Pesquisador de pós-doutorado (FAPESP) em Geografia Econômica e Agrária na UNESP (Rio Claro, 2025). Doutor em Geografia Humana (USP, 2022), com pesquisa sobre a financeirização de terras no Cerrado (Matopiba). Mestre (UNICAMP) e graduado (UNESP), foi pesquisador visitante no International Institute of Social Studies (ISS) e na CUNY (The Graduate Center). Seus temas atuais incluem financeirização do agronegócio, grilagem, estrangeirização de terras, mudanças climáticas, *green grabbing* e agroecologia. Revisor de periódicos nacionais e internacionais e colaborador voluntário da Comissão Pastoral da Terra (CPT) e Rede Social de Justiça e Direitos Humanos.



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons



Estudos Geográficos

Revista Eletrônica de Geografia

Foto 1 - Oane e Bruno em trabalho de campo na Romênia (2019)



Fonte: arquivo do autor (2019)



Este artigo está licenciado com uma licença Creative Commons

INTERVIEW WITH OANE VISSER

Abstract: At the end of my research as a visiting researcher at the International Institute of Social Studies (ISS) of Erasmus University Rotterdam in 2019, I conducted an interview with Professor Dr. Oane Visser, Associate Professor in Rural Development Studies and my supervisor during the research stay at the aforementioned institution. This professor and researcher's current interests revolve mainly around 1) new (digital) technologies in agriculture and broader socioeconomic development; 2) land, large-scale agriculture, and the financialization of agriculture; and 3) small farmers, alternative food networks, and rural movements. Our conversation covered these topics and is presented below in full. The interview took place on October 25, 2019, between 10 am and 12 pm.

Keywords: Financialization of agriculture; Agrarian question in the 21st century; Digitalization of agriculture.

ENTREVISTA CON OANE VISSER

Resumen: Al final de mi investigación como investigador visitante en el Instituto Internacional de Estudios Sociales (ISS) de la Universidad Erasmus de Róterdam, en 2019, realicé una entrevista con el Profesor Dr. Oane Visser, Profesor Asociado en Estudios de Desarrollo Rural y mi supervisor durante la estancia de investigación en la institución mencionada. Los intereses actuales de este profesor e investigador giran principalmente en torno a 1) nuevas tecnologías (digitales) en la agricultura y el desarrollo socioeconómico de manera más amplia; 2) tierra, agricultura a gran escala y la financiarización de la agricultura; y 3) pequeños agricultores, redes alimentarias alternativas y movimientos rurales. Nuestra conversación abordó estos temas y se presenta a continuación en su totalidad. La entrevista tuvo lugar el 25 de octubre de 2019, entre las 10:00 y las 12:00 horas.

Palabras clave: Financiarización de la agricultura; Cuestión agraria en el siglo XXI; Digitalización de la agricultura.

ENTREVISTA

Realizada em 25 de outubro de 2019

Bruno R Spadotto

Obrigado, Oane, por aceitar esta entrevista. Espero que você aproveite a conversa. Espero que as respostas a essas perguntas possam provocar mais questões e reflexões. Meu objetivo com esta conversa é que ela possa me ajudar a abordar algumas questões que tenho em minha própria pesquisa. Planejo, também, torná-la pública, e, se for o caso, espero que ela seja útil para outros pesquisadores.

Vamos começar. Primeira pergunta: em um artigo de 2017 para a revista *Agriculture and Human Values* (Visser, 2017), você argumentou que, assim como qualquer outro bem, a terra agrícola, para ser convertida em um ativo financeiro, precisa atender a cinco critérios, que seriam: (1) potencial de lucro; (2) escassez; (3)

liquidez; (4) padronização; e (5) legitimidade. Você poderia comentar um pouco mais sobre esses critérios? Por exemplo, como eles se relacionam entre si? E haveria algum conceito capaz de unificar esses cinco critérios?

Oane Visser

Pergunta interessante. Primeiro, respondendo à sua última pergunta sobre unificar esses cinco critérios. Na verdade, meu objetivo ao determinar diferentes critérios foi desmistificar o processo de financeirização e, mais rapidamente, a transformação de terras agrícolas em ativos em setores específicos, que muitas vezes permanecem muito abstratos. Meu objetivo foi, na verdade, desmembrá-los um pouco e identificar os elementos necessários para que isso aconteça.

Portanto, não é meu objetivo uni-los, porque é importante entender quais elementos estão em jogo e, a partir disso, podemos observar quais áreas do mundo são mais propensas à transformação de terras em ativos ou onde o processo pode ser revertido.

Sobre esses diferentes critérios, é claro que existe alguma sobreposição. Por exemplo, o critério de "potencial de lucro", que é, obviamente, muito importante, porque sem isso não haverá transformação em ativo, financeirização, nem interesse de investidores. Dentro dessa categoria, destaco diferenças em alguns elementos. Se falarmos de terras agrícolas, trata-se de características como a fertilidade do solo, mas também da disponibilidade de água.

Mas, indo além do aspecto puramente material dessa localização específica das terras, temos o potencial de lucro em comparação com o desempenho atual, em termos de qual é o potencial de rendimento. Ou como o rendimento poderia ser aumentado? Isso é muito importante para os investidores porque, se já for extremamente produtivo, provavelmente terá um preço mais alto. Nesse caso, o proprietário não venderá por um preço baixo.

Portanto, os investidores estão realmente procurando por lugares onde a terra seja subvalorizada. Ainda não é um ativo, por assim dizer. Para descobrir isso, por exemplo, existem algumas partes do globo onde uma situação muito comum no processo de apropriação de terras e transformação em ativos é a seguinte: há regiões onde pequenos agricultores operam sem a tecnologia necessária para um grande salto na produtividade, e alguém chega com dinheiro, traz investidores e eles fazem

isso. Então, isso se torna interessante para os investidores transformarem a terra em um ativo. É claro que esse processo vem acompanhado de muitas contradições, desapropriações, conflitos, violência, adaptações e/ou aquiescência em muitos casos.

Quanto ao potencial de lucro, isso nos leva a outro critério: a escassez; um dos critérios-chave. Porque, se há uma abundância infinita de um bem específico, ele geralmente não será tão lucrativo. Mas destaco a escassez separadamente porque acho importante ressaltar que não se trata apenas de uma escassez "objetiva", que é facilmente mensurável (como comparar quanto de terra existe para a quantidade de pessoas no mundo que precisam de comida), mas também de uma escassez discursiva. Por exemplo, os modismos podem criar a ideia de que estamos realmente ficando sem terras. É por isso que coloquei isso como um critério separado, embora esteja, de certa forma, também ligado ao potencial de lucro.

E então, outra coisa fundamental que destaco é a liquidez; basicamente, quão fácil é vender tudo ou se livrar de algo, se necessário. Ou, quão rapidamente você pode comprar. Por exemplo, qualquer investidor seguramente diz: "Ah, está vindo uma crise e queremos transferir algumas terras rapidamente para dinheiro, ou algum dinheiro para terras. Quão fácil isso pode ser feito?".

E há a padronização, que é importante. Quero dizer, a padronização contribui para a liquidez. Isso significa que, quanto mais padronizado for um produto, mais ele pode se tornar um ativo. Porque alguns investidores, sentados em escritórios em Nova York ou Londres, não podem visitar todas as parcelas de terra, mas, se conseguirem encontrar uma métrica para comparar terras na Tanzânia com terras em Gana, ou no Brasil, em termos de quão lucrativas ou atraentes são, ou de quão investíveis são, então, de repente, isso se torna mais líquido. Torna-se mais fácil para os investidores compararem rapidamente e decidirem se compram ou não.

Se eles precisassem ir primeiro até o local, verificar o cadastro das terras, medir a terra, fazer testes de solo, isso levaria meses, semanas para fechar um negócio. Assim, nesse sentido, a padronização é um tipo de pré-requisito para possibilitar a liquidez. E, então, a liquidez é realmente, eu acho, uma pedra angular para transformar algo em ativo. Lucratividade e liquidez são coisas que muitos investidores têm em mente, como: "O quanto de lucro posso obter?" E, se algo der errado: "Com que rapidez posso me livrar dessa terra?" ou "Com que rapidez posso sair do barco em vez de afundar com ele?".

Portanto, essa é uma das ideias que os investidores têm: “Não quero todo o meu dinheiro em uma única cesta. Quero em cestas diferentes, mas devo ser capaz de mudar rapidamente de uma cesta para outra”. Porque o que os guia é o senso de diversificação entre “cestas”. Quando veem que uma cesta está prestes a pegar fogo, a liquidez e o potencial de lucro tornam-se critérios realmente fundamentais no pensamento dos investidores financeiros dentro da financeirização.

E, finalmente, também coloquei a legitimidade, que, assim como a escassez, também tem um grande componente discursivo, como: “Como podemos criar um discurso que torne o investimento em determinados recursos aceitável dentro, em primeiro lugar, da comunidade de investimentos e, em certa medida, na sociedade em geral?”. Acho que os investidores talvez não mencionem isso diretamente, quero dizer, que existem alguns requisitos para transformar algo em ativo, mas, sim, no final, funciona assim.

Bruno R Spadotto

Então, eles requerem isso? Quero dizer, sobre a manutenção da legitimidade em um tipo de discurso hegemônico?

Oane Visser

Sim. Funciona, às vezes, menos se não houver um modelo para isso ou talvez seja um pouco menos instrumental, mas, sim. Os investidores vão, claro, em grandes esforços, para mostrar que é um investimento apropriado, que é “aceitável”, que “faz sentido”, que “não é tão terrível”, ou que “é muito benéfico para o planeta” investir nesse tipo de coisa.

Bruno R Spadotto

Interessante. Gostaria de aprofundar um pouco mais com uma pergunta sobre o conceito de padronização. Acho que, neste artigo, você também relaciona esse conceito com o avanço de algumas tecnologias e como prever a produção em determinado local ou região do globo. Além disso, existem muitas novas tecnologias na agricultura que podem apoiar a padronização. Por exemplo, alguns “sistemas de previsão de colheita” que podem prever com antecedência o clima de um lugar, antecipando também a produção agrícola para períodos de curto, médio ou longo

prazo. Você pode falar um pouco mais sobre como padronização, digitalização e novas tecnologias estão relacionadas? Como essas mudanças impactam a forma como os investimentos chegam às terras agrícolas?

Oane Visser

Sim. Se olharmos para o setor financeiro, por exemplo, investindo apenas em ações, títulos, etc., tudo isso é altamente digitalizado. E, claro, ainda há certo comércio envolvendo trabalho humano. Mas há mudanças que envolvem apenas algoritmos, como, por exemplo, a transferência de dinheiro de libras para euros, que ocorre em uma fração de segundo quando há algum cálculo ou previsão que sugere que é mais lucrativo transferir o portfólio para outra moeda. O mesmo acontece com títulos e ações.

Portanto, dentro do setor financeiro como um todo, há um longo processo de investimentos maciços em digitalização. Esse é provavelmente o setor onde mais se investe – fora o setor de tecnologia propriamente dito – em software, etc. O setor financeiro, claro, não precisa de muitos outros ativos, como fábricas e máquinas, que são necessários, por exemplo, na fabricação de carros. Assim, muito dinheiro pode ir simplesmente para software, TICs (Tecnologias de Informação e Comunicação) e algoritmos (Inteligência Artificial).

Agora eles estão tentando fazer o mesmo para terras e recursos naturais, mas não há um histórico de cálculo tão preciso do valor desses ativos em diferentes continentes, países, climas, etc. Tudo isso ainda está em progresso, sendo construído. E os meios digitais estão avançando rapidamente. Eles podem ajudar a criar modelos mais sofisticados para comparar locais, fazer classificações mais precisas, métricas, etc. Mas, claro, isso tem suas limitações, porque, embora alguns avanços possam certamente ser feitos, o investimento feito – e pelo setor financeiro – para realmente transformar terras agrícolas em um ativo global ainda não é tão grande. Eu diria que ainda é uma pequena, muito pequena, porcentagem do portfólio financeiro total dos grandes investidores.

Consequentemente, eles [as empresas financeiras] ainda não investem muito em software especificamente para isso. Mas esse processo provavelmente continuará.

Então, isso ocorre no nível da padronização e, depois, na busca por torná-la mais líquida. Mas, se olharmos, por exemplo, para o potencial de lucro e mais para os aspectos materiais da terra, aí a digitalização também entra em cena no campo. Assim, você tem o nível dos investidores criando métricas, mas também tem o nível da fazenda, onde a digitalização entra como "agricultura inteligente", "agricultura digital".

E, nesse contexto, pode ajudar não apenas a tornar as terras mais comparáveis, mas também a reduzir riscos. Em termos de prever riscos relacionados ao clima, choques na produção, etc., a digitalização também desempenha um papel. Acho muito importante perceber que investidores sempre assumem riscos, mas, por si só, não gostam de riscos. Sempre há riscos de perder dinheiro, então eles tentam minimizá-los, calculá-los. E certamente não gostam de incertezas, algo que não podem calcular.

Portanto, pelo menos deveria ser algo para reduzir a incerteza e que se possa calcular, como: "Quão grande é o risco?". E aí, no campo, no nível das fazendas, pode-se dizer que, por um lado, há uma espécie de corrida; quero dizer, investidores tentam trazer tecnologias digitais, tentando tornar a agricultura e a natureza mais controláveis. Mas, por outro lado, há a mudança climática, que torna a natureza menos controlável.

Bruno R Spadotto

Isso aumenta a complexidade. E estava exatamente pensando em perguntar sobre as mudanças climáticas. Qual é a conexão entre as mudanças climáticas e esta questão?

Oane Visser

Sim, eu diria que há uma corrida interessante entre, por um lado, o setor financeiro com a digitalização, tentando tornar a agricultura mais controlável. E há toda essa retórica de "afastar-se da intuição" dos agricultores, transformando-a em algo "baseado na ciência", "orientado por dados", etc., como algo muito previsível. Mas a natureza não está parada esperando duas décadas até que as pessoas desenvolvam coisas muito avançadas. Enquanto isso, a natureza está se tornando altamente imprevisível com as mudanças climáticas.

Vemos isso em países como Gana, onde as estações de cultivo diminuíram em dois ou três meses e as chuvas se tornaram muito irregulares. O mesmo ocorre nos Países Baixos, onde temos grandes secas. Você ouve agricultores dizendo: "O que é normal?" ou "O que ainda é normal?". Isso demonstra a dificuldade de se ter uma ideia sobre o que veremos na próxima estação, como será a agricultura.

Então, sim, há um grande atrito aí. Por um lado, a promessa de que tudo será mais controlável e, se isso acontecer, a agricultura se tornará mais interessante para um setor mais amplo de investidores. Mas, se ficar mais imprevisível, mesmo para investidores muito sofisticados, então, nem eles poderão compreender completamente a situação. Nesse caso, torna-se uma grande aposta e menos atraente para colocar muito dinheiro nisso.

Bruno R Spadotto

Interessante, vamos continuar falando sobre financeirização e terras agrícolas. Outro colega, um pesquisador próximo a nós, Stefan Ouma, argumenta em artigos recentes (Ouma, 2014; 2015; 2016) que ele encontrou em algumas entrevistas de sua pesquisa sobre a financeirização da agricultura que grande parte da financeirização ocorre, na verdade, no setor de varejo de alimentos, e não tanto na produção de alimentos ou nas terras agrícolas. O que você tem a dizer sobre isso?

Além disso, baseando-se em Christophers (2015), ele também argumenta que é necessário levar em conta os limites teóricos e práticos do conceito de financeirização. Em minha própria visão, esse argumento dialoga muito com o seu artigo de 2016 (sobre como a transformação de terras agrícolas em ativos financeiros é mais lenta do que os investidores imaginaram inicialmente). Com base nessas reflexões, como você vê o atual avanço financeiro sobre terras agrícolas e agronegócios? Os investidores estão realmente "caindo fora das terras agrícolas" ou estão apenas esperando uma nova onda de alta nos preços das commodities alimentares para retornar com investimentos vorazes em terras agrícolas?

Oane Visser

Bem, alguns pontos. Um deles é sobre a primeira questão, sobre o setor de varejo, que é, de fato, mais lucrativo, mais atraente para investidores do que investir em terras. Isso é uma questão interessante. Eu diria que investir na agricultura, quero

dizer, na produção agrícola em geral, tem sido menos lucrativo do que o varejo de alimentos e envolve mais riscos. O varejo não está tão diretamente exposto aos riscos climáticos e sazonais quanto os agricultores estão.

Nesse sentido, é um pouco contraintuitivo investir tanto em terras, porque houve tanta "corrida por terras" ao redor disso e muito dinheiro foi investido. E é, de fato, interessante perguntar "por que isso?" ou "talvez seja um tipo de exceção histórica, ou não?". Acho importante distinguir algumas motivações diferentes sobre "por que investir em agricultura e terras agrícolas?".

Se for apenas para produzir alimentos e ganhar dinheiro com a produção, então, na maioria das vezes, é mais lucrativo estar em outro lugar da cadeia, como os comerciantes de alimentos, como a Cargill, que tiveram grandes lucros durante as crises, ou grandes varejistas de alimentos. Claro, há uma questão de concentração, que é difícil na agricultura, mas também é porque a própria agricultura tem muitos riscos.

Isso se refere à ideia de ganhar dinheiro apenas com a produção de alimentos. Depois, há outra questão que veio com a produção de biocombustíveis, que, claro, não tem nada a ver com o varejo. Está relacionada, em certa medida, mas é uma cadeia totalmente diferente. Então, essa é uma motivação e foi muito subsidiada no início da "corrida por terras". Essa é uma dinâmica adicional que agora está começando a receber menos subsídios, por exemplo, nos EUA e na Europa. Mas depende, claro, de cada país.

E, então, há a consideração de investir em terras, em terras agrícolas, em vez de investir na produção. E essa foi uma consideração mais importante, eu diria, para muitos investidores. Especialmente nos primeiros anos após a crise financeira, a ideia era ter ativos seguros com base na valorização da terra, etc.

Portanto, acho que é bom separar essas coisas. E, se olharmos para a consideração de investir na produção, o argumento também era mais forte há alguns anos, quando havia altas nos preços dos alimentos. Agora (a entrevista foi gravada em outubro de 2019), os preços das *commodities* se estabilizaram. Quero dizer, há algum crescimento, mas não aqueles grandes aumentos nos preços. Algumas instituições/agências, como a FAO-ONU (Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação), também preveem que, nos próximos anos, os preços das *commodities* não subirão substancialmente.

Se essa previsão for verdadeira, o que acho provável para os próximos anos, sim, isso parece correto. A menos que as mudanças climáticas alterem muito rapidamente o cenário. Mas, então [com impactos climáticos rápidos e dramáticos na agricultura], o argumento de investir na agricultura se torna menos forte. Então, as terras, como um ativo, voltarão a figurar, eu acho, apenas quando houver uma nova crise no sistema. De modo geral, acho que, nos próximos anos, não veremos um novo aumento drástico ou pico nos investimentos como vimos em 2006 e 2007².

E, em relação às mudanças climáticas, acho que os investidores se tornarão mais conscientes disso, quero dizer, isso os tornará mais hesitantes em investir em terras agrícolas, mas não em agricultura como um todo. Porque acho que, por exemplo, as estufas, elas são, mais ou menos, unidades de produção isoladas e se tornarão mais atraentes. São isoladas, não totalmente, mas parcialmente isoladas das mudanças climáticas e têm um tipo de argumento de venda interessante, como: "Ok, podemos colocá-las perto da cidade, então estamos reduzindo as emissões relacionadas ao transporte de alimentos".

Assim, você pode fazer isso de uma maneira *high-tech* e ainda dizer que "estamos contribuindo para cadeias alimentares curtas". Isso, eu acho, é uma maneira mais legítima de vender, em termos de transformação de ativos, para muitas pessoas. É um investimento mais legítimo e não é um impulsionador da apropriação de terras. Porque, em geral, precisa de muita pouca terra.

Bruno R Spadotto

Bem, podemos conectar essa questão com a agricultura urbana, eu acho, ou com o tópico das "formas silenciosas de soberania alimentar". Como essas coisas diferem entre o Norte Global e o Sul Global? Quero dizer, acho que há algum tipo de diferença. Por exemplo, aqui nos Países Baixos, essa técnica de isolar a agricultura em estufas é muito difundida, e ela pode ser realmente previsível ou controlável. Por

² Sobre esse ponto, é interessante evidenciarmos o contexto do argumento. Vivíamos o ano de 2019 em que era impossível prever dois fatores: 1) a pandemia de Covid-19; e 2) a Guerra Rússia-Ucrânia, cruciais tanto para um novo aumento do preço das commodities internacionais, quanto com a inflação na Europa, EUA e em outras grandes economias ocidentais ao redor do globo. Esse novo cenário, mudou a dinâmica do que, então, era possível prever durante o segundo semestre do ano de 2019. Já na data de submissão desta entrevista ao Periódico Estudos Geográficos (no quarto trimestre de 2024), essa tendência havia se invertido completamente, denotando um novo *boom* de investimentos do mercado fundiário agrícola do Brasil, como apontam algumas estimativas (Disponível em: <https://souagro.net/noticia/2024/11/mercado-de-terras-agricolas-no-brasil-passa-por-transformacao/>. Acesso em 24 nov. 2024)

outro lado, no Brasil, por exemplo, certamente existem algumas iniciativas assim, mas, ainda assim, acho que a agricultura, nesse tipo de escala periurbana (não em estufas), é trabalhada por pessoas pobres que estão lutando para sobreviver.

Você pode ver que, nas periferias dos centros urbanos, pessoas trabalham a terra e produzem a maior parte dos alimentos que são oferecidos e vendidos no centro de uma cidade, como São Paulo. Por exemplo, em um caso na zona leste da metrópole de São Paulo, existem algumas pessoas que produzem alimentos em terras sob as torres de transmissão de energia elétrica. E, acho que este é um processo realmente diferente do que está acontecendo aqui nos Países Baixos. Como você vê isso? Qual é a sua visão sobre isso?

Oane Visser

Bem, focando no que está acontecendo na agricultura periurbana, acho que existem diferentes tendências que explicam por que a agricultura urbana e periurbana estão se tornando populares e continuarão a ser. Uma coisa é que consumidores ricos ainda querem muitos produtos frescos e, ao mesmo tempo, há algumas preocupações sobre a sustentabilidade em usar voos para transportar muitos alimentos de longe para grandes metrópoles. Então, as pessoas têm a ideia de produzir alimentos mais próximos das cidades.

E isso não é necessariamente para pessoas que optam pelo orgânico, mas até para um número maior de pessoas. Este é um argumento que faz sentido. Nesse sentido, mesmo que não seja orgânico, para investidores ou agricultores é um argumento de venda interessante estar perto das cidades. E sim, por exemplo, os voos serão mais taxados no futuro e os preços dos combustíveis vão subir, e, então, também por isso, faz sentido econômico estar mais perto das cidades.

Talvez não necessariamente sempre dentro da cidade, o que, eu acho, é muito caro, mas talvez nos arredores das cidades, como agricultura periurbana. E, então, você pode fazer isso para produtos frescos, que têm um alto valor agregado, como alfaces e frutas.

Atualmente, existem investidores olhando para modelos que envolvem grandes prédios de múltiplos andares, onde eles produzem vegetais, por exemplo, com luz artificial, luz LED, etc. Então, acho que isso está se tornando uma grande tendência, porque é *high-tech* e muitos investidores gostam disso.

Mas, ao mesmo tempo, embora haja essa conotação de sustentabilidade, é claro que é uma atividade altamente intensiva em energia, então, enquanto toda essa energia não for verde, ainda será problemática. Acho que será uma grande tendência, e, então, ela pode se combinar com tendências como: “Ah, temos que tornar a cidade mais verde”, coisas assim, que estão se tornando mais populares.

Portanto, é mais controlável para investidores do que terras distantes na África. Se você está em Nova York e Nova Jersey, logo do outro lado do rio, próximo à cidade de Nova York, agora há uma das maiores fazendas periurbanas do mundo. Eu participei de uma apresentação desses investidores lá.

O que você vê é que os investidores podem morar, talvez, na cidade de Nova York e simplesmente pegar o carro e visitar sua fazenda. Acho que a agricultura urbana, até recentemente, era mais um movimento alternativo para pequenas propriedades, mas as coisas estão começando a mudar. Mais investidores entrarão nisso.

Bruno R Spadotto

Interessante observar isso. Agora, mudando um pouco o tópico, em um dos livros mais recentes sobre o tema da financeirização, escrito por Clapp & Isakson (2018), intitulado *Speculative Harvests*, os autores abordam a questão da financeirização das cadeias alimentares globais ao redor do mundo e alertam sobre os riscos e as consequências socioambientais da especulação nos preços dos alimentos. Nesse sentido, eles apresentam três argumentos principais ao longo do livro:

1. A financeirização exacerba desigualdades entre e dentro de diferentes conjuntos de atores do sistema alimentar;
2. A financeirização está impulsionando uma série de mudanças socioeconômicas que aumentam a fragilidade do sistema alimentar global, minando sua resiliência socioecológica; e
3. A financeirização no sistema alimentar impede a ação coletiva devido à natureza altamente complexa dos instrumentos financeiros, combinada com o crescente poder de *lobby* das elites corporativas e financeiras

O que você pensa sobre esses argumentos? Em sua pesquisa sobre o tema, você encontrou os mesmos resultados? Você acha que é possível reverter todas essas consequências?

Oane Visser

Sim. Concordo que esses são resultados muito importantes da financeirização. Acho que todos os três são verdadeiros. Embora eu diria que o segundo, ou seja, a fragilidade do sistema, e o terceiro, que impede a ação coletiva, são os mais particulares da financeirização.

O sentido de desigualdade é algo que acho estar muito ligado à neoliberalização mais ampla do capitalismo. Embora também haja aspectos da financeirização que aumentam ainda mais isso.

Então, uma coisa que você vê na financeirização é que os investidores querem ter uma escala considerável em termos de fazendas ou outros recursos nos quais investem. Então, você vê alguns pontos específicos dentro dessa questão. O que é interessante é que há áreas inteiras da economia onde as pessoas têm diferentes quantidades de dinheiro para investir e, então, quando algumas empresas se tornam um ativo atraente e suficientemente grande para investir, acabam recebendo uma enxurrada de dinheiro. Isso parece uma observação interessante, e foi algo que vi em grandes empresas listadas na bolsa de valores que operam na Rússia e na Ucrânia. De repente, há uma onda, dizendo que elas são investimentos atraentes e todo mundo quer ser um dos primeiros investidores nessas empresas. Então, tanto dinheiro chega a elas que, até mesmo o CEO (*Chief Executive Officer*) disse algo como: “Não sabemos o que fazer com todo esse dinheiro!”.

E, ao mesmo tempo, existe a expectativa de que todo esse dinheiro seja colocado em ação, porque não é como se eles dissessem: “Ok, vamos colocar tudo isso em uma conta bancária por dois anos até descobrirmos como investir esse dinheiro!” ou “Como colocar isso para funcionar na fazenda?”. E isso é o que os investidores querem: eles colocam esse dinheiro na empresa para colocá-lo em funcionamento...

Bruno R Spadotto

E ganhar mais dinheiro!

Oane Visser

Sim, gerar mais dinheiro diretamente. Enquanto a empresa está comprando terras pensando algo como: “Ok, temos que registrar as terras, contratar pessoas, selecionar pessoas”. Mas, então, você tem uma situação duvidosa: há pessoas enviadas do exterior para essas fazendas, mas não há carros, não há tradutores. Eles estão tentando gastar, tão rapidamente, para colocar todo esse dinheiro em terras, para converter todo o dinheiro em terras agrícolas que, no final, havia uma logística realmente ruim, etc.

Bruno R Spadotto

Isso é interessante! Porque isso também aconteceu com empresas argentinas que investiram em terras no Brasil. O *El Tejar* é uma das empresas que passou por esse processo e é um dos grandes e principais exemplos disso. Eles também receberam muito dinheiro quando fizeram o IPO (Oferta Pública Inicial) e, depois, investiram esse dinheiro em terras que não eram lucrativas, no estado de Mato Grosso, no Brasil. É interessante saber que isso aconteceu em outras partes do mundo também.

Oane Visser

Ah, interessante saber disso! Que você observou isso em outros lugares também. Sim, acho que essa é uma das desigualdades. Temos lugares realmente endividados, sem acesso a crédito ou dinheiro, e lugares onde há uma espécie de "muralha de dinheiro", onde há tanto dinheiro que acaba sendo contraproducente.

Porque isso leva ao curto-prazismo, a decisões muito apressadas e a um aumento nos preços das terras e de outras coisas. Assim, você obtém esses extremos enormes, também, não apenas em renda, mas na disponibilidade de dinheiro.

Isso também leva ao segundo ponto: a fragilidade do sistema ou a enorme volatilidade do sistema. O sistema se torna muito volátil, porque mais e mais investimentos não estão sendo feitos por fazendas familiares ou mesmo por empresas familiares, mas por investidores de curto prazo listados em bolsas de valores.

E, quanto mais as terras se tornam líquidas, com novas tecnologias digitais para compará-las, etc., mais esse tipo de volatilidade, do setor financeiro, entra na

agricultura. Então, além da volatilidade que já está aumentando devido às mudanças climáticas, há outra camada de volatilidade entrando, levando à fragilidade, com consequências como o curto-prazismo que leva ao esgotamento do solo, etc. Isso mina a resiliência socioecológica mencionada por Clapp & Isakson.

Bruno R Spadotto

Contribuindo para a desertificação de muitas paisagens ao redor do mundo, na Amazônia ou no bioma Cerrado, no Brasil, por exemplo.

Oane Visser

Sim. Realmente degradando todos os tipos de ecossistemas.

Então, o terceiro ponto que eles mencionaram é que isso impede a ação coletiva. E aqui também concordo, porque há essa dinâmica na financeirização que eles também discutem e, claro, outros também: essa financeirização do cotidiano. Ou seja, as pessoas comuns, os cidadãos, experimentam mais e mais incertezas na financeirização e começam a pensar como uma espécie de investidor.

Por exemplo, nos Países Baixos, porque as taxas de juros estão tão baixas (os bancos não cobram para você colocar dinheiro no banco, mas também não oferecem quase nenhum retorno, talvez 0,01% ou 0,02%, ou seja, nada), as pessoas que têm algum dinheiro, em vez de colocá-lo no banco, começam a especular. Assim, você tem essas pessoas, pessoas de classe média ou média alta nos Países Baixos, começando a comprar uma segunda casa, uma terceira casa, para alugar e se tornarem especuladores imobiliários.

E o mesmo está acontecendo em outros lugares, como na Índia. Você vê que, às vezes, empresas e estados, ao quererem realizar grandes projetos de investimento e enfraquecer a resistência, dizem: “Pessoas, ok, vocês podem pegar alguns terrenos”. Então, “Quanto mais cedo você chegar, mais chance terá para escolher os terrenos”. E aí você vê que alguns agricultores dizem: “Hum, ok, deixe-me comprar esses terrenos, mesmo que eu não precise deles”.

Depois, ao reivindicar essas terras, começam a vendê-las e se tornam especuladores, interessados no fato de que os preços das terras subam. Assim, muitas pessoas acabam inseridas nessa dinâmica e se tornam especuladoras elas mesmas.

Bruno R Spadotto

Sim. Jennifer Clapp e Ryan Isakson falam sobre essa questão. Não com esses exemplos, mas eles falam sobre como essas dinâmicas entram na vida cotidiana das pessoas, e as pessoas simplesmente pensam que não têm outra escolha ou outro sistema que possam criar. Isso faz parte de um sistema que já está muito avançado com finanças especulativas. A vida cotidiana está muito próxima disso, então, as pessoas veem suas vidas intrinsecamente ligadas a isso, o que as faz não enxergar outras escolhas ou outras formas de vida.

Oane Visser

Sim. Isso nos leva a essa questão: “Ok, se há tendências de que a financeirização enfraquece a ação coletiva, podemos revertê-las?” ou “Que tipo de ação coletiva é possível?” ou “O que é necessário para isso?”.

E acho que uma coisa importante é que, claro, movimentos sociais e ONGs que combatem desapropriações, lutam contra os efeitos realmente básicos do capitalismo neoliberal atual, precisam saber mais sobre esse processo de financeirização para poderem responder a ele.

Você precisa de um tipo de educação financeira, uma ideia de “o que é especulação?” e coisas desse tipo, para responder a isso.

Bruno R Spadotto

Sim. Nesse sentido, é interessante pensar no que está acontecendo agora no Chile e no Equador também. Você sabe, essa luta contra o sistema financeiro neoliberal que busca precarizar e privatizar todos os serviços públicos³.

Bem, e o Chile foi o laboratório do neoliberalismo no mundo, começando com a ditadura de Pinochet e, posteriormente, com os governos atuais, que ainda levaram

³ Referíamo-nos, em outubro de 2019, às revoltas populares que ocorreram durante esse ano. No Chile, os protestos começaram após o aumento das passagens de metro em Santiago e levaram até a instalação de uma nova Constituinte no país (Disponível em: <https://www.brasildefato.com.br/2021/10/18/revolta-social-que-abriu-caminho-para-constituente-no-chile-completa-2-anos>. Acesso em 20 nov. 2024). No Equador, a revolta tomou as ruas quando o presidente Lenín Moreno anunciou o fim de um subsídio aos combustíveis que já durava 40 anos, causando um aumento de até 123% nos preços, como parte de um pacote de ajustes para cumprir metas acertadas com o FMI. (Disponível em: <https://g1.globo.com/mundo/noticia/2019/10/23/america-do-sul-em-turbulencia-veja-em-resumo-os-protestos-e-crisis-politicas-na-regiao.ghtml>. Acesso em 20 nov. 2024)

isso adiante, e as pessoas simplesmente disseram “Chega!”. Agora, neste mês, as pessoas estão nas ruas e acho que isso é muito esperançoso, porque o que está acontecendo lá está conectado com esta conversa sobre “O que é possível ser feito?”, “Que tipo de ativismo?”, “Que tipo de mudança social?”. Porque isso também está conectado com a financeirização, já que o Chile é um dos países mais financeirizados da América Latina, junto com Brasil, Argentina, México, etc.

Oane Visser

Sim. Essas coisas estão se desenvolvendo. A financeirização está acontecendo e, ao mesmo tempo, as pessoas estão se tornando mais críticas, acho eu. Houve, por muito tempo, essa ideia de que “O crescimento econômico vai fazer todos, de alguma forma, se beneficiarem” ou que cada um terá sua parte dele.

Cada vez mais pessoas estão começando a perceber que, sem uma mudança mais drástica, isso não vai acontecer. Como resultado, vemos, certamente nos Países Baixos, e em vários outros países, um verdadeiro ressurgimento de manifestações e protestos.

Então, havia essa ideia de que “Tudo está se tornando tão individualizado que a ação coletiva é apenas retórica” na Europa Ocidental e que as pessoas não protestariam mais. Mas agora, como vimos no mês passado, tivemos grandes manifestações sobre mudanças climáticas e até mesmo greves mais conservadoras (como as relacionadas aos agricultores nos Países Baixos). Ainda assim, as pessoas estão indo às ruas.

Bruno R Spadotto

Sim. Esse é um bom ponto para abordarmos. Primeiro, houve a Marcha pelo Clima contra as Mudanças Climáticas e em defesa da Justiça Climática algumas semanas atrás – e nós participamos juntos, a propósito (risos). Mas também estão acontecendo agora essas manifestações de agricultores contra as limitações que o governo propôs em relação às emissões de nitrogênio nas fazendas. Protestos que temos visto todas as semanas aqui em Haia. De alguma forma, as duas parecem estar em oposição uma à outra, ou não? Ou, de alguma forma, podem ser conectadas? Como você vê isso?

Oane Visser

Bem, grande parte da agenda dos protestos dos agricultores tem sido bastante conservadora, como contra mais regulações que são necessárias para combater as mudanças climáticas, especialmente em relação à redução do nitrogênio. Nesse sentido, você poderia dizer: “É apenas sobre manter o status quo”.

Por outro lado, você pode dizer, em termos de democracia e ação coletiva, que isso “pelo menos mostra que as pessoas estão se organizando e fazendo suas vozes serem ouvidas”. Então, esse é um aspecto positivo, eu diria.

Acho que, no geral, ambas as manifestações, seja o pessoal do *Extinction Rebellion* e as grandes manifestações sobre mudanças climáticas ou esses setores que estão contra as transformações exigidas por esses movimentos, como os protestos dos agricultores nesta semana, na quarta-feira, houve grandes manifestações do setor da construção civil porque muitos projetos de construção estão parados ou não têm licença para continuar devido às emissões de nitrogênio que precisam ser reduzidas.

Então, quero dizer, as pessoas estão se tornando muito conscientes de que as mudanças climáticas estão acontecendo...

Bruno R Spadotto

Então, “*The Empire Strikes Back*”⁴⁴?

Oane Visser

Bem, entendo que as pessoas estão se tornando conscientes de que as mudanças climáticas são algo que não pode ser ignorado. Isso, pelo menos, se torna um grande ponto de debate. Interessante é que as pessoas, nos Países Baixos em geral, não ignoram isso no sentido de dizer “não há mudanças climáticas!”. Praticamente todo mundo acredita nisso. E acho que muitos agricultores, por exemplo, experimentam eles mesmos, nos últimos dois anos, grandes secas, pragas de ratos nos campos agrícolas devido ao clima mais quente. Eles são provavelmente o setor mais afetado pelas mudanças climáticas.

⁴⁴ Pergunta feita em alusão ao Episódio V do filme “Guerra nas Estrelas”, intitulado “O Império Contra-Ataca” (1980).

Então, há uma posição interessante e ambivalente ali. Porque, por um lado, eles estão muito ameaçados pelas mudanças climáticas; eles são também, em certo sentido, uma grande parte – ou poderiam ser uma grande parte – da solução, por meio da captura de emissões no solo. Ao mesmo tempo, eles têm um grande interesse, ou pelo menos parte dos agricultores, em desacelerar as medidas para combater ou reduzir as emissões. Então, esse é definitivamente um momento interessante para estudar esses movimentos.

Bruno R Spadotto

Então, uma boa pergunta seria: você acha que é possível, por exemplo, que o movimento *Extinction Rebellion* consiga dialogar com os agricultores e convencê-los de que essa mudança nas práticas agrícolas para combater as mudanças climáticas poderia ser boa para eles? Caso contrário, os agricultores irão conversar com o setor agro-corporativo e ouvir que eles deveriam continuar fazendo o que estão fazendo...

Oane Visser

Sim. Há alguns agricultores agora sentindo que provavelmente não poderão continuar assim como está, e algo terá que mudar. Muitos ainda estão no pensamento convencional, de manutenção do status quo. Então, certamente, este é um momento para intensificar os debates sobre o futuro da agricultura sustentável.

Bruno R Spadotto

Bem, isso certamente é uma questão importante para discutirmos mais e avançarmos com a pesquisa. Enquanto isso, mudando um pouco o tópico e voltando para seus trabalhos recentes, podemos notar que grande parte de sua pesquisa sempre esteve relacionada ao tema da privatização de terras agrícolas na Europa Oriental e na Eurásia. Você poderia resumir (para o propósito desta entrevista) suas principais descobertas nessa pesquisa até agora? Quais são as principais questões que você continua investigando nessas regiões? Quais são os temas? Por exemplo, o tema das formas silenciosas de soberania alimentar, que sei que você está estudando, entre outras questões que considera relevantes.

Oane Visser

Bem, sim, parte da minha pesquisa, de fato, tem sido sobre investimento em terras, privatização de terras e apropriação de terras. Uma das minhas principais descobertas é que, por um lado, houve muita financeirização, muita apropriação de terras acontecendo, mas, ao mesmo tempo, esses processos são muito desiguais.

Isso é muito importante perceber. Algumas pessoas, penso eu, se tornam muito pós-modernas, como: “apropriação de terras não existe ou é algo que não é legítimo discutir”. Acho que isso vai para um extremo oposto. Quero dizer, se você olhar, por exemplo, para a Rússia, há áreas no Sul onde há uma apropriação de terras realmente agressiva acontecendo, desapropriação de pessoas por meio de fraudes, incêndios nas terras.

Ao mesmo tempo, há outras partes da Rússia onde coisas assim não estão ou mal estão acontecendo. E há, por exemplo, uma coexistência bastante tranquila entre grandes fazendas, fazendas corporativas (mesmo que às vezes estejam se expandindo gradualmente) e pequenos proprietários em outras regiões.

Então, você vê coexistência, vê às vezes uma espécie de simbiose entre grandes fazendas e pequenas fazendas. Acho que devemos realmente diferenciar entre tipos de grandes fazendas e quão positivas ou negativas elas são, e tipos de investimentos em terras agrícolas.

Acho importante mencionar que devemos levar em conta o quão orientados para o curto ou longo prazo são esses investimentos. Isso é muito importante. Porque algumas fazendas familiares também podem, dependendo do contexto, ser muito orientadas para o curto prazo. Por exemplo, nos Países Baixos, alguns agricultores estão explorando o solo, enquanto há outros agricultores familiares praticando agroecologia e realmente fortalecendo os solos.

E, ao mesmo tempo, você vê diferenças entre fazendas de grande escala, entre as quais, eu diria, há mais tendências para a degradação da terra, mas também há grandes diferenças. Portanto, uma coisa é a orientação de curto prazo versus longo prazo, e isso está correlacionado, entre outras coisas, ao tipo de propriedade. Empresas listadas na bolsa de valores têm uma probabilidade muito maior de se tornarem extremamente orientadas para o curto prazo. Por isso, acho que a ideia de empresas listadas em bolsa e agricultura constitui um casamento muito infeliz. Esses pontos mencionados acima explicam as desigualdades nos investimentos em terras agrícolas e seus efeitos.

Outro aspecto, de fato, é essa questão da sustentabilidade silenciosa, ou da soberania alimentar silenciosa. O termo "sustentabilidade silenciosa" foi cunhado por pesquisadores da Europa Oriental, Petr Jehlička e Joe Smith. Nós construímos sobre isso, com colegas, quando investigamos a soberania alimentar e chamamos isso de "soberania alimentar silenciosa".

E o que achei muito marcante em minha pesquisa é que muito do comportamento sustentável não é baseado em uma grande ideologia e, às vezes, nem é intencional.

Isso ainda é muito o pensamento em grande parte da literatura sobre estudos agrários e na literatura das ciências sociais. As pessoas primeiro precisam ser convencidas de que algo é bom, de que você precisa ter a "ideologia certa" e, então, mudanças positivas acontecerão.

Bem, às vezes isso não é necessário ou nem mesmo, talvez, o caminho mais desejável a seguir, ou não é a maneira mais eficiente de proceder. Porque, em grande parte da Eurásia, da Europa Oriental, mas também penso em partes do mundo como a China, as pessoas estão muito desiludidas com grandes ideologias. Então, se alguém diz: "Se você fizer isso e isso, você vai mudar o mundo em que vive", as pessoas se tornam muito céticas, elas não confiarão em você.

Quando você vem com reivindicações mais moderadas, as pessoas dizem: "Ok, ok, essa pessoa parece ser realista e confiável". Esse é o tipo de pensamento. Então, uma vez que você aparece lá com uma grande ideologia de mudar o mundo, mudar o clima, mudar o meio ambiente, as pessoas não confiam em você e você as perde.

Isso não significa que essas pessoas não estão fazendo nada pelo meio ambiente. E isso é uma pena. Porque, com esse foco na ideologia, a narrativa das partes mais explícitas dos movimentos, você tende a esquecer muitas outras iniciativas que são menos explícitas.

Então, o que você vê na Europa Oriental é que existem números impressionantes em termos de quantas pessoas estão envolvidas na agricultura urbana e periurbana, e quantas pessoas estão realmente envolvidas em cadeias alimentares de curto prazo e em algum grau de autossuficiência, conduzindo uma agricultura amplamente amiga do meio ambiente.

Esses são números enormes em muitas regiões da Rússia, como uma em cada duas ou uma em cada três famílias que têm seu próprio lote e produzem parte de sua

comida. E aquelas que não têm um lote frequentemente recebem parte da comida daquelas que possuem.

Então, isso é um elemento muito importante na autossuficiência das pessoas, na soberania alimentar, podemos dizer, mesmo que esteja “debaixo do radar” e sem a ideologia que você espera.

Ao mesmo tempo, isso significa que grandes parcelas da produção alimentar, por exemplo, na Rússia, vêm desses pequenos agricultores. Mais de um terço de todos os alimentos, em termos do valor da agricultura bruta, vem desses pequenos lotes onde as pessoas produzem alimentos por si mesmas.

Mesmo sendo um país com fazendas de grande escala altamente mecanizadas. A Rússia é um país industrializado e urbanizado, em grande medida. Então, você vê isso também em outros países.

Acho que uma das lições que aprendi ao estudar essa região é que muitas mudanças acontecem fora do radar, e não nos servimos bem ao ignorá-las. Porque, se as ignorarmos, elas permanecerão no canto onde já estão, o que significa: sendo vistas de forma negativa por formuladores de políticas em relação a essas práticas alimentares, como algo ultrapassado.

Algumas pessoas, elas mesmas, nem sequer pensam muito sobre isso. E, então, é provável que, ao longo do tempo, percam o apoio do Estado, percam todos os tipos de apoio e desapareçam ou se deteriorem.

Enquanto, no Ocidente, vemos que leva tanto tempo para reconstruir um tipo de agricultura em pequena escala, reconstruir a conexão das pessoas com a natureza, com a agricultura. Isso leva muito tempo para os jovens que estão dispostos a começar a cultivar por conta própria, começando na agricultura urbana, mas precisam aprender tudo: como trabalhar o solo? O que vender? O que fazer com as plantas? Eles lutam, e em muitas áreas, quando você vai para a Europa Oriental, no entanto, as pessoas sabem essas coisas com base no que aprenderam com suas avós, mães, pais e entendem.

Além disso, por meio de conversas com vizinhos, você recebe dicas e truques, e tudo isso pode se perder se não houver apoio para isso, ou se for visto com maus olhos ou ignorado, digamos, por algumas ONGs ocidentais (Organizações Não Governamentais).

O que acho típico, por exemplo: uma ONG da Europa Ocidental queria apoiar a agricultura urbana na Europa Oriental e, no caso da Polônia, uma ONG ocidental foi

até lá e olhou estritamente dentro dos parâmetros da cidade e concluiu que não havia agricultura urbana. Se eles tivessem dado alguns passos além dos limites da cidade, teriam encontrado muitos lotes, e lotes, e lotes de pessoas cultivando.

Então, esse tipo de visão estreita, muito limitada, do Ocidente, realmente prejudica nossa transição global mais ampla para uma agricultura mais sustentável. Se ainda levarmos em consideração o que é uma boa agricultura ambientalmente sensível.

Bruno R Spadotto

Esse é um conceito interessante, “formas silenciosas de soberania alimentar”, que ficam fora do radar de outras práticas. Também penso no bioma Cerrado no Brasil. Quero dizer, quando o agronegócio em larga escala entrou no Norte desse bioma, na região chamada Matopiba, ele desapropriou muitas pessoas, e essas pessoas começaram a trabalhar para o agronegócio e adaptaram-se a essas novas relações de mercado que entraram na região, com muitas contradições.

E, com certeza, há muita resistência lá, mas algo que estou começando a observar é que esse conceito de “formas silenciosas de soberania alimentar” também pode ser útil para descrever o tipo de agricultura que os camponeses praticam lá e que a visão hegemônica não vê, porque não é um modo “moderno” de agricultura, que usa muitos insumos tecnológicos.

Mas o verdadeiro ponto é que esse tipo de agricultura muito tradicional, dos camponeses ali, é o que garante a soberania alimentar regional. Caso contrário, a soberania alimentar ali seria muito vulnerável.

Imagine, a maioria das pessoas perde seus meios de subsistência ou meios de produção nas terras agrícolas e migra para as cidades, vivendo, às vezes, em condições muito ruins, nas favelas das periferias urbanas. Isso é um problema histórico no Brasil, quero dizer, essa migração massiva das pessoas das áreas rurais para os centros urbanos, algo conectado ao processo de apropriação de terras e concentração de terras ali.

Oane Visser

Sim, você vê também, por exemplo, em algumas discussões com sociólogos da região, que não percebem o valor da agricultura em pequena escala e dizem: “Ok,

isso não é mais econômico”, “Todos os alimentos estão disponíveis no supermercado”, “É talvez até mais barato”. E, em alguns casos, pode ser mais barato em determinado momento, mas, se uma crise atingir, os preços podem subir, as rendas podem cair, e, então, talvez não seja mais tão acessível ou disponível para as pessoas.

E, nesse momento, é uma excelente opção de reserva para as pessoas se continuarem praticando a jardinagem, ainda souberem como fazê-la. Elas podem intensificá-la, se perderem parte de seus empregos, podem dedicar mais tempo a isso, produzir mais alimentos para si mesmas e talvez, sim, se o trabalho for bem, talvez isso seja algo que façam apenas nos fins de semana.

Mas, se elas mantiverem esses vínculos e souberem como cultivar, acho que é um grande ativo para as pessoas. E isso realmente aumenta a autonomia, a soberania.

Bruno R Spadotto

Bem, muito interessante, realmente. Agora, chegamos à última pergunta. Outro tema de pesquisa ao qual você tem se dedicado recentemente é a nova onda de digitalização na agricultura e o papel do emprego de mão de obra migrante. Quais são as principais questões que o levaram a esse tema? Por exemplo, muitos pesquisadores estão dizendo que o “Big Data” é o “petróleo do século 21”. Você tem investigado essa questão também? Finalmente, que relação você poderia estabelecer entre a digitalização da agricultura, a soberania alimentar, os mercados de trabalho e a financeirização da economia global?

Oane Visser

Notei, quando comecei, especialmente ao observar fazendas de grande escala na Rússia e na Ucrânia, que, em entrevistas, o tema do software começou a se tornar mais importante. Em certo ponto, os entrevistados começaram a falar sobre GPS, outras tecnologias, e eu me interessei por isso. E quando uma empresa disse: “Sim, uma empresa concorrente está se saindo melhor porque tem um sistema de TIC (Tecnologias de Informação e Comunicação) realmente bom, etc.”, eu pensei: “Ei, isso é interessante. Isso pode ser um tipo de fator de sucesso ou causa de falha para fazendas”.

E isso também se conecta a um debate antigo sobre fazendas de grande escala, esse debate de longa data perguntando: “Existem economias de escala por serem grandes?”. Significa que você pode comprar insumos mais baratos, mas também há grandes deseconomias de escala, como problemas, por exemplo, para monitorar sua mão de obra, porque não é mais trabalho familiar, você tem muitos funcionários, depois grandes extensões de terras, então, você tem mais custos para supervisioná-los, etc.

Mas as tecnologias podem intervir nesse ponto e tornar as coisas um pouco mais eficientes. Nesse sentido, é muito interessante também, quando discutimos grandes fazendas versus pequenas fazendas, como as novas tecnologias podem mudar essa relação, assim como os benefícios e as desvantagens de fazendas grandes e pequenas. Então, acho que isso se tornará cada vez mais crucial para as questões agrárias e, quando falamos sobre capitalismo e obtenção de lucros, sim, acredito que os dados se tornarão cada vez mais como o petróleo.

Já existe um relatório recente que prevê, em relação às empresas de petróleo (isso foi feito até por um grande banco), que em breve muitos desses investimentos em petróleo realmente perderão seu valor. Já vimos que empresas de petróleo, que há dez ou quinze anos eram as empresas mais ricas do mundo, foram substituídas por empresas de TIC ou grandes empresas de tecnologia, e isso continuará acontecendo. Bem, e quando você coloca isso na agricultura, sim, talvez essas tendências mostrem que menos dinheiro será feito com culturas e leite, e mais com dados e algoritmos. Portanto, certamente existe essa tendência.

Embora aqui, claro, a realidade seja sempre mais nuançada e complexa, e você provavelmente não conseguirá ganhar muito dinheiro se a base material da agricultura estiver totalmente instável. Mas uma coisa que impulsionará a digitalização é a ideia de que podemos controlar melhor a agricultura. Isso é uma proposta muito atraente para muitos agricultores e investidores. Então, definitivamente isso continuará.

Bem, isso certamente irá se cruzar com a financeirização. O que eu disse sobre a financeirização requerer grandes fazendas, sim, investidores querem fazendas grandes para investir, para colocar grandes somas de dinheiro sem muitos custos de transação. Portanto, eles querem fazendas grandes, esses investidores. E para monitorar essas fazendas, gerenciá-las, você precisará cada vez mais de meios digitais, em diferentes níveis, também no campo. Então, essas coisas provavelmente se reforçarão mutuamente.

Assim, a financeirização provavelmente impulsionará ainda mais a digitalização, e os avanços da digitalização provavelmente também fortalecerão a agricultura financeirizada.

Então, acho que essas duas coisas se reforçarão mutuamente, enquanto as mudanças climáticas desestabilizam tudo e tornam tudo muito imprevisível.

Bruno R Spadotto

E isso poderia impactar também os mercados de trabalho, certo?

Oane Visser

Sim. Outras propostas feitas por pessoas que promovem tecnologias agrícolas são de que a digitalização será um meio de lidar com a escassez de mão de obra e com a urbanização em curso no mundo todo, além de resolver muitos problemas. Agora, claro, o trabalho agrícola já é, em grande parte, trabalho de migrantes, o que significa que não há pessoas suficientes nos próprios países dispostas a trabalhar lá (pelos salários oferecidos, claro). Isso também depende das lutas pelos salários.

Mas isso torna a digitalização atraente para muitos investidores. Então, esse é outro ponto: o vínculo com o trabalho. Mas essas ideias de transições rápidas para robôs no campo, acho que são um pouco exageradas. Haverá muitos passos intermediários de formas de automação, ainda com bastante trabalho humano.

O que vejo, a partir de entrevistas com pessoas, tanto agricultores quanto profissionais de tecnologia agrícola, é que ainda haverá uma fase bastante longa em que haverá automação crescente, mas também muito trabalho humano. Portanto, acho que essa digitalização e financeirização são tendências muito importantes para observarmos quando pensamos no futuro da agricultura e em como ela será moldada.

Agora, outro tema é o que isso significa para a soberania alimentar. Claro, um aumento na digitalização, em princípio, permite que você esteja ainda mais distante como gestor ou proprietário de uma fazenda. Hoje, já existem aplicativos nos quais você pode simplesmente observar o que está acontecendo na fazenda, nos campos, ou monitorar suas vacas enquanto está em uma viagem de negócios em outro lugar.

Isso possibilita uma maior separação da terra em relação aos proprietários e agricultores. É uma alienação, por assim dizer, da terra em relação às pessoas engajadas na agricultura. A tendência é que você veja muitas pessoas de fora da

fazenda envolvidas no processo agrícola. Com uma digitalização mais avançada, você precisará de especialistas em TIC, pessoas mais qualificadas para reparos, analistas de dados e talvez até pilotos de drones. Coisas desse tipo.

Já há agricultores no norte dos Países Baixos, filhos de fazendeiros que agora têm uma ocupação como operadores de drones para monitorar plantações nos campos. Quem poderia imaginar isso há cerca de dez anos? Esses tipos de tendências criam mais distância entre os vários atores, de alguma forma “envolvidos” na agricultura, e o próprio local agrícola. Isso parece ser uma espécie de oposição à soberania. Uma espécie de desmaterialização ainda maior da agricultura.

Mas, ao mesmo tempo, essas tecnologias permitem movimentos em direções progressistas. Por exemplo, se houver um grande progresso na automação, isso poderia ser benéfico em termos ambientais, caso pudéssemos substituir pesticidas por robôs que eliminem ervas daninhas. Claro, isso talvez substitua parte do trabalho humano, mas acho que a mudança positiva provavelmente supera a negativa nesse caso. Isso pode ser o caminho para finalmente nos livrarmos dos pesticidas, mesmo em fazendas de grande escala.

Já vemos muitos experimentos com robôs mecânicos que arrancam ervas daninhas, como dispositivos que eletrificam as ervas ou as destroem de outras maneiras. Há muitos experimentos em andamento. Movimentos e fazendas menores também podem se beneficiar desse tipo de tecnologia. Especialmente se esses movimentos optarem por um software de código aberto e de propriedade cooperativa, isso poderia se tornar mais acessível para agricultores de pequena escala.

Até agora, a tendência tem sido mais para uma maior corporativização, eu diria, mas, se movimentos alimentares e agrícolas se tornarem mais interessados nisso, isso poderia fortalecer, por exemplo, maneiras de compartilhar maquinário mais facilmente. Com novos softwares, você poderia planejar o uso e compartilhar máquinas de maneira muito mais eficaz. Por exemplo, nos Países Baixos, há uma fazenda que também busca construir uma conexão entre consumidores, agricultura e natureza.

Eles têm uma iniciativa na qual você, como consumidor, pode comprar um pequeno lote de terra à distância. E funciona com um robô. Você pode observar via câmera como sua colheita está indo, não é monocultura, e você pode decidir por metro quadrado o que plantar, e isso será vendido. É uma maneira muito diferente de

conectar as pessoas à agricultura, em vez de uma venda tradicional na agricultura de apoio comunitário.

Bruno R Spadotto

Isso poderia ser algo positivo para conectar mais as pessoas à origem dos alimentos?

Oane Visser

Sim, acho que isso pode funcionar. Quando falamos sobre qual deveria ser o papel dos movimentos alimentares e agrários em relação a essa digitalização, acho que não é muito produtivo rejeitar tal desenvolvimento de forma geral. Primeiro, porque isso vai acontecer, mesmo que não saibamos com que velocidade ou de que maneira. Segundo, se você se engajar criticamente e com mais detalhes, também poderá determinar quais efeitos da digitalização podem ser benéficos e decidir com antecedência quais aspectos são realmente destrutivos e prejudiciais e que você deve combater.

Acho que é bom ter reflexões mais motivadas sobre o que isso pode significar e onde agir. Por exemplo, algumas pessoas dizem: “Ah, somos contra todas as formas de automação porque isso irá substituir a mão de obra”. Em alguns lugares, de fato, há escassez de mão de obra. Mas também, em outros lugares, isso pode trazer enormes benefícios se pudermos substituir pesticidas por controle mecânico de ervas daninhas.

Isso pode ser, finalmente, uma maneira de fazer isso em uma escala maior. Então, acho que esse é um desafio muito importante para os movimentos sociais. Este é um problema muito novo; é um desafio muito novo, porque muitas dessas tecnologias estão avançando rapidamente, impulsionadas por novos algoritmos de aprendizado de máquina. Isso está acelerando. É provável que transforme a agricultura mais rapidamente do que desenvolvimentos tecnológicos anteriores, como os transgênicos ou os pesticidas. Isso provavelmente será muito mais rápido. Portanto, é importante começar a pensar agora sobre esses desenvolvimentos para que os movimentos tenham uma posição bem pensada em relação a esses novos desafios.

REFERÊNCIAS CITADAS NA ENTREVISTA:

CLAPP, J.; ISAKSON, S. R. **Speculative harvests**: financialization, food and agriculture. Halifax: Fernwood, 2018. Agrarian Change and Peasant Studies: Little Books on Big Issues Series.

CHRISTOPHERS, B. The limits to financialization. **Dialogues in Human Geography**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 183-200, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2043820615588153>. Acesso em: 24 nov. 2024.

OUMA, S. Situating global finance in the land rush debate: a critical review. **Geoforum**, [S.l.], v. 57, p. 162-166, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2014.09.006>. Acesso em: 24 nov. 2024.

OUMA, S. Getting in between M and M' or: how farmland further debunks financialization. **Dialogues in Human Geography**, [S.l.], v. 5, n. 2, p. 225-228, 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.1177/2043820615588160>. Acesso em: 24 nov. 2024.

OUMA, S. From financialization to operations of capital: Historicizing and disentangling the finance-farmland-nexus. **Geoforum**, [S.l.], v. 72, p. 82-93, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1016/j.geoforum.2016.02.003>. Acesso em: 24 nov. 2024.

VISSEER, O. Running out of farmland? Investment discourses, unstable land values and the sluggishness of asset making. **Agriculture and Human Values**, [S.l.], v. 34, n. 1, p. 185-198, 2017. Disponível em: <https://doi.org/10.1007/s10460-015-9679-7>. Acesso em: 24 nov. 2024.

Recebido em 16 de junho de 2025
Aceito em 12 de dezembro de 2025